

# JOELHO

## # 04

### ENSINAR PELO PROJETO TEACHING THROUGH DESIGN

—  
*Coordenação:*  
Paulo Providência  
Gonçalo Canto Moniz

Alexandre Alves Costa  
Juan Domingo Santos  
Florian Beigel  
Philip Christou  
Elizabeth Hatz  
David Leatherbarrow  
Andrew Clancy  
Colm Moore  
Michael McGarry  
Willemijn Wilms Floet

Exposição TAPE  
2011-12



# José Adrião

## Bairro do Visconde, Peniche

### 01 – 1ª Aula

Primeira aula de projeto VI, 2º semestre do 3º ano, da Universidade Autónoma de Lisboa em 2013.

Trinta e sete alunos: trinta e um portugueses, um angolano, uma brasileira, um cabo-verdiano, uma italiana e dois alemães em Programa Erasmus. Dois professores: José Adrião e Ricardo Carvalho.

Na primeira aula fornece-se e lê-se o documento que orientará metodologia a desenvolver durante o semestre. O documento tem por nome “Arquitectura: Natural/Artificial. Um Projecto para Peniche”. Este documento de apresentação da metodologia proposta para Projecto V e Projecto VI tem vindo a ser desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos no terceiro ano Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa. Desde 2008 que a equipa de professores constituída por José Adrião, Ricardo Carvalho e Rui Mendes têm experimentado uma metodologia idêntica em diferentes lugares da costa portuguesa. As áreas de intervenção são zonas limite terra/mar, territórios de grande valor paisagístico, onde a ocupação humana produziu assentamentos escassamente planificados, casuais e muitas vezes equívocos. Zonas de grande assimetria sazonal, com épocas altas e épocas baixas.

Intencionalmente são eleitos territórios com características semelhantes: Ilha de Faro, Arrifana, Alzejur, Sagres, Porto Covo, Aldeia do Meco e Olhão. Em 2013 a área de intervenção escolhida foi o Bairro do Visconde em Peniche.

O documento lido aos alunos contém diferentes tópicos onde se incluem: um texto “Touching the World – architecture, hapticity

and the emancipation of the eye, Embodied Understanding” de Juhani Pallasmaa, uma bibliografia e uma lista de 40 casos de estudo que vão servir de referência para o trabalho. Neste documento são estabelecidas as diferentes fases, escalas de projeto e os objetivos a atingir em cada fase. No documento não existe qualquer referência ao programa/edifício a desenvolver durante o semestre.

Na aula explica-se aos alunos que a turma se constitui como um grupo de trabalho e investigação, e que os documentos de análise produzidos, que vão servir de suporte ao projeto, devem ser partilhados.

Como premissa inicial existe a intenção de criar uma estratégia de projeto para o Bairro do Visconde em Peniche, que incida de uma forma clara e inequívoca na requalificação dos espaços públicos do aglomerado urbano, abordando diferentes temas, tais como: permeabilidade, conexões, hierarquização. Pretende-se que o grupo de trabalho defina sistemas de circulação pedonal, viário e zonas de estadia que produzam mais-valias para a população residente e visitantes.

Uma das características principais da área de intervenção é a sua implantação. Um núcleo urbano habitacional construído numa arriba sobre o mar. O Bairro aparenta não ter uma matriz urbana planeada mas sim resultado de uma ocupação não regrada ao longo dos tempos. Estes dados deverão ser verificados pela equipa de projeto e as ações a desenvolver serão resultado da percepção das distintas qualidades e debilidades verificadas no local.



1. Bairro do Visconde, Peniche — 2013 Fevereiro.



2. Bairro do Visconde, Peniche — 2013 Fevereiro.



3. Bairro do Visconde, Peniche — 2013 Fevereiro.



4. Vista sobre o Porto de Areira e Bairro do Visconde, Peniche — 2013 Fevereiro.

As estratégias a desenvolver não estão estabelecidas à priori. Consolidar, alterar, densificar, remover, são possibilidades.

O facto de Peniche ter praias atlânticas e um mar com características excepcionais para a prática de *surf*, faz com que se tenha intensificado nos últimos anos a procura, por surfistas de todo o mundo, de casas e albergues para permanecer durante temporadas. O Bairro do Visconde pela sua proximidade em relação às diferentes praias é um dos locais onde a procura de alojamento é mais acentuada.

Combina-se que a segunda aula será na área de intervenção na manhã de sábado do fim-de-semana seguinte.

Como material de trabalho para a visita foi pedido: caderno de apontamentos para desenhos e texto, máquinas fotográficas, câmaras de vídeo e gravadores de som. Os alunos deverão fazer uma recolha de material para produzir uma apresentação/síntese das suas primeiras impressões sobre a zona de intervenção.

Simultaneamente os alunos deverão eleger um dos 40 casos de estudo apresentados no documento de modo a reunir informação base de referência. A recolha de elementos e a explicação de cada um dos casos de estudo é individual e a sua apresentação é feita a toda a turma.

Em grupo os alunos terão de produzir documentos de análise sobre a área de intervenção abordando diferentes temas tais como: Planos urbanos municipais e edifícios existentes e previstos, Flora e Fauna, Geologia, População, História, Cartografia, Património, Maqueta à escala territorial.

Na mesma aula os professores fazem uma apresentação dos trabalhos recentes produzidos nos seus ateliês, abordando metodologias, processos de trabalho e mostrando resultados.

## 02 – Reconhecimento da área de intervenção

A primeira visita à área de intervenção é feita em grupo, alunos e professores.

Porque geralmente a área de intervenção se situa longe das áreas de residência do grupo, a visita inicial é feita, de preferência, durante um fim-de-semana. Desta forma os alunos tomam contato, pela primeira vez, com lugares até esse momento pouco conhecidos ou desconhecidos, distanciando-se da rotina e das zonas de conforto habituais. São confrontados com novos territórios.

Na primeira visita à área de intervenção pede-se aos alunos que interajam com o lugar de uma maneira ativa, incentivando a elaboração de um posicionamento crítico sobre o existente. Ainda sem o apoio consistente de cartografia, deverão fazer uma leitura intuitiva do lugar.

Percorrer o território a pé, atenta e demoradamente, registar com imagens vídeo ou fotográficas, registar o som, tomar apontamentos gráficos, de desenho e de texto, observar, questionar os habitantes locais, são ações que se promovem durante o reconhecimento do local. Este tipo de ações requer e necessitam de tempo para ganhar corpo e eficácia. Questões como orografia, tecido urbano, paisagem, espaços públicos, espaços residuais, edifícios, sistema de vistas, vegetação, são temas que se procuram no local.

Uma prática de reconhecimento, entendida como a única forma de produzir projetos que estejam conscientes da sua adequação

ao lugar, é fundamental e, como tal, é a base deste processo de trabalho. A visita à área de intervenção é uma aula em que a aprendizagem se faz em movimento.

No contato com a população local ficamos a saber que muitas das casas em alvenaria eram originalmente casas em madeira. A seguir ao 25 de Abril de 1974 parte do terreno foi cedido à população para fazerem as casas num sistema de autoconstrução. Só mais tarde foi implementado o saneamento básico.

No final de visita diferentes questões são abordadas e discutidas em conjunto. Depois os alunos dispersam e cada um experiencia o território, acompanhado ou isolado, procurando identificar e reconhecer os temas que geram e despertam mais interesse.

Na aula seguinte a apresentação terá de ser clara, intensa, e elaborada de modo a apontar princípios estratégicos de projeto.

Verificámos que os alunos incorporam a visita à área de intervenção como uma experiência positiva. E que a visita à área de intervenção é, em bastantes casos, repetida inúmeras vezes durante o desenvolvimento do projeto.

## 03 – Investigação, Síntese, Análise e Síntese

A seguinte fase de trabalho é caracterizada pela elaboração dispersa e difusa de diferentes tarefas complementares entre si e sem uma hierarquia definida. Todas de igual importância.

É necessário produzir sínteses e análises consecutivas.

É uma fase de constantes apresentações individuais e colectivas: impressões gerais e tema de trabalho (sínteses individuais sobre a área de intervenção), casos de estudo (pesquisa individual), produção de um *paper* sobre uma das referências bibliográficas apresentadas no documento (pesquisa individual), e desenvolvimento de um dos temas de análise (trabalho em grupo).

Este conjunto de apresentações gera um corpo comum que servirá de base de trabalho para toda a equipa. Os alunos começam gradualmente, e de uma forma individual, a eleger um tema a partir do qual se vai desenvolver o projecto. Exploram-se múltiplas direcções de modo a criar uma diversidade de projetos tão ampla quanto possível. Assume-se que quanto maior for a diversidade de projetos, mais abrangente será a investigação gerada pela equipa.

Os alunos começam por definir uma estratégia para o espaço público. As relações entre o bairro e a sua envolvente – cidade de Peniche a norte, a Fortaleza de Peniche a este e o território a oeste até ao Cabo Carvoeiro a 3 Km – começam a ser testadas.

Enquanto as estratégias individuais para o território se vão revelando, toda a equipa constituída pelos professores e os alunos, define a partir do entendimento gradual da área de intervenção, as necessidades específicas de equipamentos públicos para o aglomerado urbano.

As possibilidades, neste caso, estão entre um *surfcamp* e um centro cívico para a população.

Opta-se por um equipamento híbrido que misture os dois programas. O edifício deverá ser utilizado durante todo o ano, independentemente das épocas de prática de *surf*. O equipamento



5. Formação rochosa na praia do Bairro do Visconde, Peniche.



6. Bairro do Visconde, Peniche.



7. Apresentação Intermédia, 2º Semestre 2011, Porto Covo com Ricardo Aboim Inglês e Tiago Mota.

deverá ser explorado no seu potencial máximo, permitindo o seu uso no máximo espaço de tempo e pelo maior número de pessoas, de acordo com as suas capacidades. Deverá também facilitar o contacto entre a população residente e os visitantes, através de espaços abertos para o exterior.

O edifício deve estar apto para atividades múltiplas. Deverá ser hotel, escola para *workshops* e seminários, cantina, área de descanso.

Simultaneamente os grupos que efetuaram a pesquisa sobre os temas de análise pré-definidos: Planos urbanos municipais e edifícios existentes e previstos, Flora e Fauna, Geologia, População, História, Cartografia, Património, apresentam à turma o resultado das investigações. A maquete à escala territorial está acabada e serve de suporte de trabalho para toda a turma.

#### 04 – Construção do Projecto

No desenvolvimento inicial do projeto existe o incentivo do uso de todo o tipo de ferramentas e suportes. Todos são considerados válidos. Os suportes podem ser físicos ou digitais. Os registos deverão ser feitos em texto e em desenho. Dá-se prioridade ao raciocínio. De acordo com cada tema a explorar existe uma forma de expressão privilegiada.

Simultaneamente existem peças obrigatórias a apresentar que devem resumir as diferentes fases de desenvolvimento de projeto: Painéis A0 ao baixo com um esquema gráfico pré-definido e impressos, que devem conter todos os desenhos rigorosos da proposta e memória descritiva. As maquetas são também peça obrigatória.

Uma vez por semana existe uma apresentação oral dos alunos perante a turma para explicar a evolução da proposta.

No início cada aluno apresenta um painel.

Os painéis corrigidos são dobrados em dois construindo um caderno A1 na vertical, que é apresentado ao júri final como uma peça importante do desenvolvimento do processo.

O desenvolvimento do projeto passa por diferentes fases a diferentes escalas: estratégia geral de intervenção à escala 1/2000 e 1/1000, espaço público e equipamento à escala 1/500 e 1/200, equipamento escala 1/100 e 1/50, pormenor construtivo à escala 1/20. Em cada fase existe a acumulação sucessiva de um novo painel, até ao total de cinco. Os painéis são rubricados e datados pelos professores.

Em todas as fases do projeto existe a confirmação se a proposta do aluno verifica os seus pressupostos iniciais nas distintas escalas. Surge muitas vezes a necessidade com o desenvolvimento do projeto de se acertar, ou alterar a estratégia base definida. Todos os materiais produzidos, textos, desenhos, imagens, maquetas, e grafismo devem corresponder e reforçar o mesmo raciocínio. Todos os painéis vão sendo redesenhados e corrigidos até à apresentação final.

#### 05 – Apresentações a Júri

Antes da apresentação final existe uma apresentação intermédia.

Nesta apresentação, perante um júri convidado, é testado pelo aluno a eficácia da sua proposta. A argumentação oral em conjunto com os painéis, as maquetas e o caderno de processo são avaliados pelo júri intermédio. Os itens de avaliação são: estratégia, programa, projeto, apresentação oral e apresentação gráfica.

As avaliações são fornecidas e discutidas com os alunos para que o aluno tenha a possibilidade de refazer e corrigir o seu trabalho.

Duas semanas depois o aluno apresenta o trabalho do semestre ao Júri final.



8. Apresentação Intermédia, 2º Semestre 2011, Porto Covo com Ricardo Aboim Inglez e Tiago Mota.



9. Apresentação Final, 1º Semestre 2011, Sagres, com Claudia Taborda, Ricardo Bak Gordon e Telmo Cruz.



10. Apresentação Final, 1º Semestre 2011, Sagres, com Claudia Taborda, Ricardo Bak Gordon e Telmo Cruz.



11. Maqueta aluno, Estratégia Geral, 2º Semestre 2012, Porto Covo.